

5ª PARTE

Discursos

Discurso de Barros Pinho

Senhor Presidente da Academia Norte Riograndense de Letras
Senhores Professores Homenageados
Minhas Senhoras
Meus Senhores

A Academia Cearense de Letras, a perlustrar a História nos seus cento e quinze anos de profícua existência demonstra nesta manhã de celebração da inteligência humana, no sagrado Altar do Sal – Mossoró, o seu inquebrantável desejo de não se isolar das instituições congêneres que porfiam na Cultura e na Ciência do Nordeste, primeiro, por entender que já passou o tempo dos deuses acadêmicos aferrados ao Olimpo e a tecer o labirinto de suas próprias vaidades; segundo, porque, ao intelectual, no limiar do Século XXI, reserva-se o papel missionário na construção do futuro, que só será atingido pelo exercício da lógica participativa do presente. É importante observar o que leciona o professor Milton Santos: “O terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é este um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando a verdade, não a dizem. Nesse caso, não podem encontrar-se com o futuro, renegando a função principal da intelectualidade, isto é, o casamento permanente com o porvir, por meio da busca incansável da verdade”.

Foi essa verdade, portanto, que atingiu a plenitude da alma tecida pelo sol do professor Benedito Vasconcelos Mendes, levando-o a programar por inspiração sublime esta festa de confraternização cultural que se universalizou no plano das ideias para se tornar mais nordestina no caráter profético do compromisso. Compromisso da intelectualidade com a terra, com o homem no renascer auspicioso do Nordeste que se prepara para a civilização transformadora da tecnologia e do conhecimento - ventos que sopram na contemporaneidade do mundo.

A singularidade dessa reunião de Academias de Letras e de outros Institutos Históricos nordestinos desenha-se pelo lugar escolhido para sua realização. Realiza-se este conagraçamento cultural na plenitude acolhedora do afeto e no pulsar do coração da caatinga, na Fazenda Rancho Verde, onde a Natureza e a vida humana se abraçam no cinturão harmonioso da cultura.

O DNOCS também se faz presente para resgatar sua trajetória tecnicamente rica do tempo da “civilização da seca”, trajetória secular que se redimensiona no dinamismo administrativo do engenheiro Elias Fernandes Neto.

A Universidade, ressurgindo das cinzas do enfrentamento de muitas dificuldades oriundas de um ciclo histórico recente, precede igualmente aos sonhos e à proposta da maioria dos intelectuais aqui presentes, pois dela são originários, comprometidos seriamente com a vida acadêmica.

Hoje, sobem ao palco desse majestoso cenário do Rancho Verde, com o destaque merecido, os mestres e doutores Benedito Vasconcelos Mendes e Melquíades Pinto Paiva, homenageados da Academia Cearense de Letras, que nesta solenidade deveriam ser recepcionados pela clássica eloquência do Presidente Pedro Henrique Saraiva Leão, ausente por contingências profissionais e pessoais que o privaram deste esplêndido evento, transferindo a mim a distinta incumbência de conferir-lhes o Diploma de Sócio Correspondente do sodalício alencarino, honraria esta que a Casa de Tomás Pompeu, ao longo do tempo, só há conferido aos sábios beatificados na evangelização do saber e temperados com a grandeza moral e a dignidade humana.

Benedito Vasconcelos Mendes e Melquíades Pinto Paiva são homens de marca sertaneja em suas biografias que embasaram suas experiências científicas, literárias e culturais na racionalidade metodológica, lastreadas pela influência do humanismo telúrico que lhes assegurou o respeito da inteligência brasileira e das instituições científicas internacionais. Benedito é o respeitado cientista do semiárido e Melquíades é a referência da Biologia marinha na extensão do Mundo.

O primeiro entra com desembaraço de mestre no exercício da narrativa literária, enquanto o outro, afeito à rigidez das pesquisas aprofundadas estudos que deitam raízes na historiografia nacional. O cangaço agora é a sua obsessão maior.

O reconhecimento do talento desses intelectuais, fixado no Diploma de sócio Correspondente da mais antiga instituição Acadêmica do País (Academia Cearense de Letras), confirma a sentença de Sêneca – “O sábio nunca será livre só parcialmente. Sua liberdade será plena, completa, desvinculada e dona de si. Ele será sempre mais altaneiro do que os outros.” Em verdade, os senhores professores Benedito Vasconcelos e Melquíades Pinto Paiva são livres e altaneiros, cultos e iluminados pelo relâmpago do talento, prontos gloriosamente para a consagração da História.

Ao permanecer no teatro desse magnífico espetáculo de atores brilhantes e afeitos ao exercício vigoroso da palavra recebo, por generosa iniciativa de fraterna amizade do mestre da semântica do sertão, professor Benedito Vasconcelos, a homenagem pelo transcurso dos meus setenta anos, onde espreiro apenas o orvalho para orvalhar o outono.

Para intérprete desta distinção que muito me entenece, repleta de fraternidade humana e cultural, que ora me tributam na terra de Vingt-Um Rosado – obstinação do saber – foi escolhido o príncipe dos Advogados, Diógenes da Cunha Lima, também extraordinário poeta lírico da terra do grande pesquisador do folclore, Câmara Cascudo.

Senhoras e senhores, confesso-lhes que guardarei, no recôndito da alma envaidecida, a emoção de tanta alegria pela apoteose desta festa repleta do afeto da mais legítima amizade. Não esperava tanto, pois sou apenas um poeta sesmeiro da palavra, plantando milho na sintaxe do chão lírico do poema. Sou menino da beira do rio. Rio Paranaíba que leva/lava a minha solidão. Tenho sempre os pés fixos na terra e o dedo a apontar a amplidão azul do céu. Tudo o que fiz e faço, corre na direção de um humanismo telúrico que me compromete cada vez mais, com o sofrimento e a esperança nordestina. Gosto do sertão, do olhar distante das cabras nas pedras espianando o tempo nos fins das tardes. Pelejo como um humanista que não para

de sonhar. Sem medo, vivo com o punhal do vento fustigando a hipocrisia dominante, principalmente, nos salões da cultura e da política brasileira. Procuro na sabedoria dos simples o templo onde a luz do vaga-lume não se apaga. A vida confirma-me maior que o homem é a sua dignidade.

Na vastidão harmoniosa desta homenagem que ora recebo, na manifestação magnífica do poeta de “Memória das Águas”, presidente da Academia Norte Rio Grandense de Letras, o escritor Diógenes Cunha Lima, só me resta dizer-lhe que a beleza sonora de suas palavras bate nos meus ouvidos como o vento batia nos canaviais onde vivi o melhor tempo da minha vida, quando era apenas o caçador de sonhos na tocaia da esperança.

Abraço a todos que estão aqui no templo do mandacaru e de sabiá que se dispersa aconchegante pelo Rancho Verde - rancho da palavra e abrigo da cultura, no Museu do Sertão.

Ao fim, renovo meu agradecimento expresso nos versos do poeta Jorge Manrique “na famosa elegia da Espanha” “Nossas vidas são os rios que vão desaguar no mar”.

Muito obrigado.